



BRANDÃO, LUIS ALBERTO. *TEORIAS DO ESPAÇO LITERÁRIO*. SÃO PAULO: PERSPECTIVA; BELO HORIZONTE: FAPEMIG, 2013.

Tiago de Holanda*

* tiagovieira@ufmg.br
Mestrando em Estudos Literários pela UFMG.

O termo “espaço” foi posto em primeiro plano e revolvido, ao longo do século XX, por vertentes teóricas de vários campos do conhecimento, as quais contribuíram para instabilizar noções, até então, cristalizadas. Seguiram-se verdades divergentes da tradição que caracterizava o espaço como homogêneo, absoluto, apriorístico, “continente” anterior e superior a eventuais “conteúdos”. Porém, não é raro que estas premissas e suas consequências reafirmem-se em trabalhos dos estudos literários, implicitamente ou não. Por outro lado, aquelas indagações e propostas desviantes não omitiram ou eliminaram as ambiguidades, paradoxos, aporias constituintes da espacialidade literária. O horizonte da discussão se deslimita ante outras possíveis expansões dos modos de abordagem do vínculo entre espaço e texto literário.

O “cenário” vasto e problemático descrito acima é percorrido e mapeado pelo livro *Teorias do espaço literário*, de Luis Alberto Brandão, professor titular da Faculdade de Letras da UFMG. A arquitetura da obra se ordena em duas tríades interrelacionadas. A primeira se refere às “três frentes de investigação: teórica, crítica, ficcional”¹, articuladas entre si. A frente teórica intenta situar a questão “O que é espaço?” em várias áreas de conhecimento que relevam a categoria, especialmente no campo dos estudos literários configurado a partir do início do século XX. A frente crítica investiga a presença do elemento espacial em obras literárias e analisa o modo como este é recepcionado por leituras críticas. A frente ficcional é composta pelos denominados “excursos ficcionais”, textos literários estimulados por diversas acepções do espaço.

1. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 9.

A outra tríade se compõe das seções do livro: “Espaços: Questões Conceituais” realça o debate teórico, incluindo a proposição de alternativas para o desdobramento ou a expansão dos modos de abordagem da noção de espaço; “Leituras do Espaço” contém inquirições críticas baseadas no enfoque em obras particulares; e “Espaços do Corpo” combina as qualidades definidoras das outras partes, mescla voltada ao estudo dos vínculos do espaço com a noção de corpo e aspectos correlatos, como materialidade, fisicidade, sensorialidade, percepção.

Podemos especular quanto à possível relação entre essa dupla tríade e o fato de, ao longo do livro, a operação metodológica por pares opostos ser fortemente problematizada. Ao rejeitar polaridades na própria definição de literatura, Brandão recorre à noção de “imaginário” apresentada por Wolfgang Iser – noção retomada em vários pontos do livro resenhado. O texto literário, segundo Iser, se constituiria na junção de três ingredientes: o real, o fictício e o imaginário. Embora não se possa precisar o que cada um significa, o primeiro corresponderia ao “mundo extraliterário”, o segundo se manifestaria como ato intencional que faz surgir as “obras” e o terceiro seria o processo “de conceber as limitações e as potencialidades” da “experiência do homem com o que percebe como real”. O fictício transgride a *determinação* do real, um vez que, nas “obras”, o real é transfigurado por efeito do imaginário; o fictício viola, também, o que há de *difuso* no imaginário, já que nas “obras” este ganha determinação².

Essa concepção triádica de texto literário é endossada por Brandão como meio de infringir a oposição entre real e ficcional usualmente empregada na caracterização da experiência literária³. Na tríade de Iser, observa Brandão, o caráter relacional dos termos não permite que se definam ontologicamente. O mesmo se pode afirmar sobre o modelo tridimensional de dialética proposto por Henri Lefebvre em *La production de l'espace* (1974) – livro a reclamar tradução brasileira. Um mérito do tratamento dado ao espaço pelo intelectual francês seria o fato de este buscar “um modelo não binário, não opositivo”⁴.

Nesse sentido, é significativo que, quanto à investigação do espaço, as relações entre real, fictício e imaginário sugiram a Brandão um trio conceitual – “realidade espacial”, “discurso espacial” e “imaginário espacial”⁵ – que parece ressoar a tríade de dupla face apresentada em *La production de l'espace*: “prática espacial” (ou “espaço percebido”), “representações do espaço” (ou “espaço concebido”) e “espaços de representação” (ou “espaço vivido”)⁶. O espaço (social) lefebvriano é *produzido*, afirmação que, em linhas gerais, ecoa na consideração da literatura como *operação*, ideia que Brandão percebe em Iser e estende à questão espacial:

Se o espaço, como categoria relacional, não pode fundamentar a si mesmo, é por meio de suas “ficções” que ele se manifesta, seja para vir a ser tomado por real, seja para reconhecer-se

2. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 34-35.

3. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 33.

4. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 52.

5. BRANDÃO, *Teorias do espaço literário*, p. 35.

6. Para mais detalhes sobre o modelo ternário de dialética proposto por Henri Lefebvre, ver SCHMID (2008).

como projeção imaginária, ou, ainda, para se explicitar, na autoexposição de seu caráter fictício, como realidade imaginada⁷.

Na tripla frente de investigação arquitetada por Brandão, os “excursos ficcionais” parecem inesperados, em um livro anunciado no título como teórico (ou metateórico). O próprio termo “excurso” parece, em alguma medida, apartar tais passagens do resto do conjunto. O autor, porém, sublinha que tais seções não funcionam, meramente, como fugas no/do “fluxo” geral. O primeiro excurso, por exemplo, “retoma muitas das questões discutidas nos capítulos anteriores, mas segundo o diapasão literário, isto é, com a liberdade especulativa se expressando não por meio de conceitos, mas de imagens e cenas”⁸. Os excursos exercitam “a potência inerentemente literária da escrita. Não só desenham mapas de espaços, mas também ativam o trânsito nos espaços do mapa”⁹.

A experimentação e o tensionamento entre os campos teórico e ficcional percorrem grande parte da obra de Brandão. Doutor em Literatura Comparada pela UFMG, o autor ressalta que seu interesse pela questão do espaço na literatura é antigo e recorrente. Tal preocupação é central nas suas obras ficcionais (“experiências deliberadamente híbridas, que aproximam a dicção crítica e a poética, procedimentos teorizantes e narrativos, pesquisa e criação”¹⁰) e aparece, também, nos livros de feição mais ensaística, por exemplo, *Grafias da Identidade: Literatura Contemporânea e*

Imaginário Nacional (2006) – finalista do Prêmio Jabuti 2006. Em 2014, *Teorias do Espaço Literário* também foi finalista do Jabuti (categoria Teoria/Crítica Literária).

Parte do primeiro capítulo do livro ora resenhado desdobra três linhas de força teóricas que, imbricadas, comporiam “o arcabouço de uma teoria do espaço na literatura”¹¹. Já o segundo capítulo discute o que seriam os quatro modos mais recorrentes de conceber os vínculos entre espaço e literatura, no âmbito dos estudos literários ocidentais do século XX. Uma das possíveis expansões problematizadoras dessas quatro tendências, relativa à ideia de que espaços “reais” sejam *representáveis* em textos literários, enfatiza a vocação “heterotópica” da literatura, remetendo-se ao termo proposto por Michel Foucault. Pergunta-se “em que medida, na operação representativa – e mantendo o horizonte de reconhecimento –, os espaços extratextuais podem ser transfigurados, reordenados, transgredidos”¹².

Brandão manifesta maior interesse por obras literárias que tensionem “as acepções de espaço difundidas e as experiências espaciais corriqueiras em âmbito literário”, e por abordagens teóricas e críticas dispostas a confrontar seus próprios limites quanto à categoria espaço¹³. Este atributo é associado, no terceiro capítulo, a Roland Barthes, Michel Foucault e Henri Lefebvre. No capítulo seguinte, o foco recai sobre Gaston Bachelard, Mikhail Bakhtin e Walter

7. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 35.

8. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 10.

9. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 276.

10. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 13.

11. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 35.

12. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 66.

13. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 245.

Benjamin, autores de obras qualificadas por Brandão como “poéticas do espaço”. Ressalta-se que a obra benjaminiana busca articular polos em princípio incompatíveis: o científico e o poético, o rigor do conceito e a ambiguidade da imagem. O fato de a empreitada teórico-literária de Brandão também ser híbrida pode ser uma razão para o interesse especial dedicado a Benjamin¹⁴.

A preferência de Brandão por tratamentos audaciosos do vínculo espaço/literatura é determinante para a escolha dos escritores e obras enfocados na segunda parte do livro, dedicada ao exercício de três tipos básicos de abordagem desenvolvidos pelo autor em relação à categoria espaço em suas manifestações literárias. Quanto a essa segunda parte, vamos nos concentrar na presença da obra do único escritor estudado a partir dos três tipos de tratamento desenvolvidos por Brandão: João Guimarães Rosa.

O primeiro tipo de abordagem, chamado por Brandão de “descritivo-analítico”, objetiva, basicamente, descrever o modo como o espaço participa da constituição das obras e averiguar se estas, manifestando vertentes conceitualizadas, também as problematizam. Esse é o tipo de abordagem exercitado no sétimo capítulo, sobre como o espaço urbano de Brasília se exprime em textos de João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Brandão considera que os três escritores, entre outros pontos comuns,

afirmam como indissociáveis a abstração (espacial) e a “concretude arquitetural”, mesmo que em coexistência tensa, conflituosa.

No que diz respeito especificamente a Rosa, Brandão analisa dois contos de *Primeiras histórias*. Em “As margens da alegria” e “Os cimos”, a experiência “observadora” da personagem Menino, em visitas deste a Brasília, mimetiza, inicialmente, o triunfalismo “soberano” presente na representação do espaço conformadora do projeto da nova capital. Depois, porém, o olhar se descentra e é atravessado por dúvidas, enigmas, pontos cegos. “Voo também é não voo”¹⁵: os opostos compõem um todo indivisível, não mais uma alternativa supostamente controlável por uma mirada alta-neira. Desse modo, Rosa “instiga as ambiguidades que estão no cerne do imaginário brasileiro relativo à modernização urbana. É colocada sob indagação a crença na viabilidade de um projeto civilizatório baseado na opulência de intervenções estatais”¹⁶.

Na conclusão do capítulo, Brandão retoma a definição de literatura baseada na tríade proposta por Wolfgang Iser (real, fictício, imaginário), evidenciando a vocação “heterotópica” da literatura: “não se trata apenas de descrever ou representar cidades, mas de compor, na obra, um mosaico de imaginários, os quais são necessariamente de natureza social”. Acrescenta Brandão que, ao menos na perspectiva dos escritores, o espaço

14. Sobre a noção de imagem em Benjamin, conferir também o capítulo “Noções espaciais em imagens literárias” (BRANDÃO, 2012).

15. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 151.

16. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 151. Para uma discussão sobre os projetos modernizadores promovidos pelo Estado ao longo da história brasileira, ver FAORO (1992).

social não é opaco (“de leitura predeterminada”) nem transparente (“submetido aos caprichos da subjetividade de quem o observa”)¹⁷, apontamento que parece ecoar as críticas dirigidas por Henri Lefebvre ao que qualifica como duas “ilusões”.

O capítulo oitavo, metacrítico, investiga como uma determinada coletânea de ensaios aborda a noção de espaço na obra de Guimarães Rosa. Brandão percebe ser muito comum, nesse *corpus* crítico, a consideração do espaço como categoria empírica, como série de referências detectáveis pelos sentidos humanos. O debate sobre uma suposta essência mimética da literatura roseana tende a desdobrar-se em afirmações de que esta obra expressa dados “universais”. Uma das conclusões de Brandão, então, é que essa atitude crítica deixa em segundo plano “o esforço de compreender historicamente a literatura”¹⁸.

Consideremos a hipótese de que esse capítulo “metacrítico” sirva de transição, na segunda parte do livro, entre a abordagem “descritivo-analítica” e a “feição exploratória” dos dois últimos capítulos (nono e décimo) e do “excurso ficcional” que lhes segue. Esse “caráter prospectivo” parece marcar uma ruptura com o que se constatou nos ensaios críticos sobre Rosa.

Encerrando a tarefa de resumir a presença de Guimarães Rosa no livro resenhado, observemos que no décimo capítulo Brandão explora a noção espacial de “vazio” e abre dois campos de hipóteses, um deles relativo à obra de Rosa, percebida

como “revelação, ou construção, de um espaço vazio, um sertão mítico em que se manifestam as contradições entre moderno e arcaico, centro e margem do processo civilizatório”¹⁹. O sertão roseano, tendo como negativo o urbano, a este representa, contesta e inverte, excluindo-o e imbricando-o²⁰. A nosso ver, tal sertão seria, portanto, uma espécie radical de “heterotopia”, de espaço outro. Ainda neste capítulo, o uso da expressão “regime espacial”²¹ abandona qualquer consideração de um apriorístico “espaço empírico”, enfatizando a variabilidade dos modos de elaboração literária do espaço.

Decidimos, por causa do limite de extensão desta resenha, não nos deter na terceira parte do livro, embora não menos importante que as outras. Destaquemos, apenas, que no capítulo que analisa *Acenos e Afagos*, de João Gilberio Noll – obra que levaria a categoria espaço a seus limites –, Brandão pretende contribuir para a formulação de hipóteses de leitura cuja validade se estenda, como horizonte interpretativo, à literatura brasileira contemporânea e a vetores da produção literária da contemporaneidade ocidental²². Eis um dos aspectos propostos:

Relativamente aos liames entre espaço e corpo, verifica-se a tendência de se colocar em xeque os próprios modelos perceptivos, tradicionalmente calcados numa concepção seja organicista, seja biológica, seja naturalizante (embora essa concepção possa não descartar fatores identitários – de ídole cultural – também definidores do par corpo-espaço)²³.

17. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 157.

18. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 173.

19. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 187.

20. Baseamos esta caracterização em FOUCAULT (2003).

21. BRANDÃO, *Teorias do espaço literário*, p. 197.

22. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 257.

23. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 258.

O texto final (conclusão?) do livro sublinha o caráter ficcional da cartografia e, mais uma vez, emprega a noção de “ficção” destacada em Wolfgang Iser: “Toda cartografia pode ser entendida como ficcional, não conforme a lógica que opõe real e imaginário, mas, ao contrário, porque agrega fatores de determinação e de indeterminação”²⁴. Brandão desloca a noção de cartografia, metaforicamente, para definir o trabalho realizado no livro ora resenhado. Este faria uma reconstituição crítica de mapas (teóricos, críticos, literários) alheios: “este livro revela uma espécie de *atlas*”²⁵. Uma vez que a “reconstrução” resulta em novos mapas, podemos pensar que camadas cartográficas vão se sobrepondo e que a própria série pode se embaralhar, as camadas se confundindo entre si.

Um dos méritos do livro de Brandão é ajudar pesquisadores de literatura a identificar e testar as premissas nas quais se apoiam em matéria de espaço, especialmente quando parecem assumir a existência de dimensões elementares e indiscutíveis na realidade empírica. Premissas que muitas vezes se mantêm implícitas, imunes à discussão. Em outras palavras, o livro pode contribuir para os estudiosos indagarem as convenções empregadas na elaboração de seus próprios mapas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Luis Alberto. Noções espaciais em imagens literárias. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; VIEIRA, Elisa Maria Amorim; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Imagem e memória**. Belo Horizonte: Rona Editora; FALE/UFMG, 2012, p. 291-299.

FAORO, Raymundo. A questão nacional: a modernização. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 14, janeiro a abril/1992, p. 7-22.

FOUCAULT, Michel. “Outros espaços”. In: _____. **Ditos e escritos** (v. 3). Estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.

SCHMID, Christian. “Henri Lefebvre’s theory of the production of space: towards a three-dimensional dialectic”. In: GOONEWARDENA, Kanishka et al. (Orgs.). **Space, difference, everyday life: reading Henri Lefebvre**. 2008. New York and London: Routledge, 2008, p. 27-45.

24. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 275.

25. BRANDÃO. *Teorias do espaço literário*, p. 277.